

# A dinâmica da vida cristã

- Faça as leituras bíblicas indicadas para a semana: examine quais as ocasiões que Jesus orou. Estude as parábolas sobre a oração.
- Tenha o seu momento de oração com Deus. Busque a direção e o poder do Espírito Santo para sua vida e a Igreja.
- Leia o capítulo duas vezes. Na segunda leitura, sublinhe aquilo que lhe parece ser o mais importante.
- Procure pensar e responder às questões que surgem dentro dos quadros.

## Esboço

- 1 — Características do livro de Lucas.
- 2 — Ocasões em que Jesus orou e falou sobre a oração:
  - a) Orou em momentos de decisão
  - b) Orou em momentos de luta
  - c) Orou antes de escolher seus discípulos
  - d) Orou no momento da revelação da verdade a respeito de si
  - e) Orou diante da morte
- 3 — Por sua vida de oração levou outros a buscarem também oração para seu viver.
- 4 — Pela oração nos unimos com uma grande multidão de testemunhas de Cristo, dela recebendo ânimo e força para a realização da missão.
- 5 — Jesus orou pelos seus amigos.
- 6 — Duas parábolas sobre oração, contadas por Jesus.

## Leia em sua Bíblia durante a semana

- Ocasões em que Jesus orou:  
Lucas 3.21; 5.16; 6.12; 9.18;  
Lucas 9.29; 11.1; 23.34; 23.46.
- Parábola sobre a oração: Lucas 11.5-8; 18.1-8.
- A oração dos discípulos: Lucas 11.2-4.

Quando um autor tem à sua disposição mais material do que o que ele pode usar, nada nos pode dar uma descrição mais adequada a seu respeito que a análise do material que ele escolheu incluir no seu livro, e do que ele decidiu omitir.

Foi isso exatamente o que aconteceu com Lucas, como foi também o que deve ter sucedido com muitos dos escritores do passado. Lucas escreveu antes da época do papel, da imprensa e do livro. Em seus dias os livros eram escritos em papiro, que

era uma substância feita da polpa do caule do papiro. A polpa era cortada em tiras e depois comprimida, dando a aparência de papel pardo. Em seguida era preparada em folhas medindo cerca de 25,5 cm x 20 cm. Não era um material barato; o papiro mais barato custava cerca de Cr\$ 0,60 a Cr\$ 1,50 a folha, e o de melhor qualidade chegava a custar Cr\$ 2,50 a folha. Sendo uma substância tão dispendiosa, os escritores a usavam tão economicamente quanto possível. Quando Lucas escreveu o seu

evangelho, os livros não tinham ainda o formato que têm atualmente. As folhas eram unidas uma à outra formando assim uma tira bastante longa, na qual se escrevia em colunas estreitas com cerca de 6 cms. A tira era então enrolada, formando assim um rolo. Quando se lia do rolo, o mesmo era segurado na mão esquerda e desenrolado com a mão direita; ao término da leitura, era enrolado novamente com a mão esquerda. Obviamente o rolo de papiro era de difícil manuseio; e assim o tamanho máximo do rolo utilizável tinha cerca de nove metros de comprimento. Hoje em dia o livro pode ser ampliado a quase qualquer tamanho; a imprensa e o papel são, comparativamente falando, baratos; porém não foi senão no décimo século que o papel surgiu no Ocidente e somente no décimo quinto século é que a imprensa foi inventada. Portanto, um escritor como Lucas, estava estritamente limitado, tanto pelo preço como pelo formato de seu material. Por vias de necessidade ele precisava selecionar; e aquilo que ele seleciona nos mostra claramente aquilo que ele julga ser importante.

Por conseguinte, é de grande interesse notar que há sete ocasiões em que apenas Lucas, dos escritores dos evangelhos, descreve Jesus em oração. As ocasiões são: no seu batismo; antes do primeiro conflito com as autoridades judaicas; antes da escolha dos doze discípulos; antes da primeira confissão de Pedro e da predição de seus sofrimentos e morte; no Monte da Transfiguração; antes de ele ensinar seus discípulos a orar; e duas vezes na Cruz (3.21; 5.16; 6.12; 9.18; 9.29; 11.1; 23.34; 23.46). Ademais, apenas Lucas é quem nos dá as duas parábolas sobre a oração: a do amigo importuno (11.5-8) e a do juiz iníquo (18.1-8). É evidente que Lucas nos quer mostrar o lugar da oração na vida de Jesus e, portanto, o lugar da oração em nossa própria vida.

Freqüentemente Lucas nos mostra Jesus indo a um lugar solitário, ao topo de um monte para orar (5.16; 6.12; 9.28). Ele se retirava para lugares solitários, ia ao topo dos montes e ali orava. Um dia um amigo disse ao grande pregador Alexandre Whyte: "O senhor pregou hoje como se tivesse vindo diretamente de Sua presença". E Whyte respondeu suavemente: "Talvez eu tenha vindo". Jesus sempre vinha da presença de Deus para estar na presença dos homens. Ele reconhecia que, antes de defrontar as multidões, precisava estar a sós. Quando os perseguidores de Joana D'Arc lhe disse-

ram que ela estava só e que todos a haviam abandonado, ela replicou: "É melhor estar só com Deus. A sua amizade nunca me faltará, nem tão pouco os seus conselhos ou o seu amor. Com a sua força eu continuarei a ser ousada, a ser ousada e a ser ousada, até que eu morra". Jesus também reconhecia essa necessidade de estar a sós com Deus. Joana estava sempre falando a respeito de "suas vozes". O Delfim\* queixou-se que ele nunca ouvira tais "vozes". A resposta de Joana foi que ele nunca ficara parado e em silêncio durante o crepúsculo, ouvindo o emocionante ecoar dos sinos pelo ar, ao entardecer, depois de serem badalados. Se tivesse feito isso, ele as teria ouvido. A única razão porque nós muitas vezes não ouvimos a voz de Deus é que não paramos para ouvir; não ficamos silenciosos e atentos, dando-lhe uma oportunidade para nos falar. Aquele que deseja falar de Cristo aos homens precisa, tal como Jesus, ouvir a Deus e para ouvi-lo, precisa estar tranqüilo e atento. Vejamos agora como é que Jesus usava a oração.

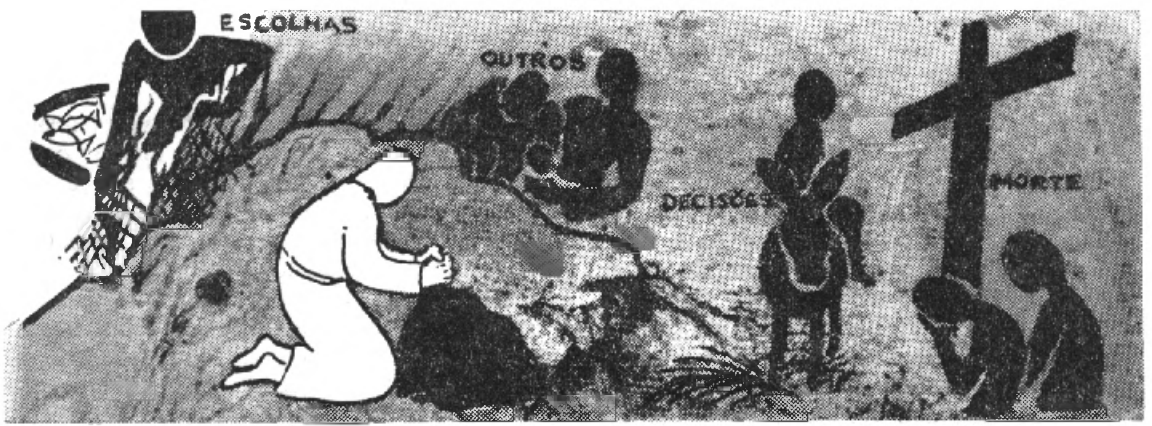
*Você tem parado alguns instantes em sua vida para ouvir a Deus? Você também tem parado um pouco para ouvir aos homens? O que a oração e a comunhão com os homens significou para Jesus?*

I. Ele orou no momento de decisão, pois que o batismo era para ele o momento em que decidiu que seu trabalho deveria ser iniciado (3.21). Esta deve ser também a atitude do seguidor de Jesus: que nunca faça qualquer obra sem primeiro buscar o conselho e direção de Deus. "Senhor, que queres tu que eu faça?" é a pergunta permanente do cristão (Atos 22.10).

*Você tem orado em seus momentos de decisão?*

II. Ele orou antes dos momentos de luta (5.16). Ele sabia que estava em um caminho que o levaria a um conflito com a sociedade estabelecida, com os líderes ortodoxos do Judaísmo, e, antes do combate, ele orou. Isso acontecerá com todos nós porque nos defrontaremos com oposições; acontecerá conosco, pois teremos a possibilidade de enfrentar conflitos. E então somente seremos aptos para diferenciar, entre alteração e debate do direito de defender

\* NT: — O autor se refere ao Rei da França.



princípios e aquilo que é justo, quando colocarmos o problema diante de Deus. Aos olhos de Deus ficará bastante claro o que é regra de conduta e o que é preconceito; o que é uma discussão trivial e o direito de defender o que é justo; quando é correto lutar e quando é correto entregar tudo pacificamente. Toda convocação para o conflito deve ser posta à prova pela presença de Deus.

*Quais as forças que você tem buscado em seus momentos de luta?*

III. Ele orou a noite toda antes de escolher os seus homens (6.12). Seria de bom alvitre que nós orássemos a Deus antes de estabelecermos amizade e compromisso com os homens. Precisamos escolher os nossos aliados e, somente quando virmos todas as questões e todos os homens à luz de Deus, é que poderemos escolher sabiamente. Quando Charles Kingsley analisava a dinâmica de sua vida em relação à verdade e à beleza, ele a explicou lembrando-se da influência de F. D. Maurice, dizendo: “Eu tive um amigo”. Quando Robert Burns se lembrava do fracasso de sua vida, recordou-se do homem que havia conhecido em sua mocidade quando havia ido a Irvine, para aprender tecelagem, e disse: “A sua amizade me causou muito mal”. Amigos salvam e amigos arruinam — a maneira de se descobrir isso é levar as amizades, como Jesus o fez, ao veredito de Deus.

IV. Jesus orou antes do momento da verdade (9.18). Ele orou na ocasião em que perguntou aos discípulos se já haviam descoberto quem ele era, e também antes da ocasião em que ele lhes revelou claramente o que tinha diante de si, nada além do que sofrimento e morte, com a ressurreição no final de tudo (9.18-22). Ele orou naquele instante quando sabia que precisava enfrentar a verdade e ajudar outros a enfrentá-la. A visão para enfrentar a verdade, a honestidade para aceitar a verdade, a coragem

para dizer a verdade, tudo isso nos vem quando estamos na presença de Deus.

V. Ele orou na presença da morte; ele orou lá na cruz (23.34; 23.46). Ele orou pedindo perdão para os seus inimigos, pois, por mais que muitos homens pudessem odiá-lo e feri-lo, Jesus não iria a Deus sentindo rancor contra homem algum. Uma das melhores maneiras de se viver em paz com os homens é orar por eles, pois de um jeito ou outro, não podemos odiar a pessoa por quem estamos orando. A última oração de Jesus foi: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!” (23.46). Esta passagem encontra-se no Salmo 31.5, com o acréscimo da palavra Pai, e era também a oração que toda mãe judia ensinava a seu filho antes de pô-lo para dormir. Jesus morreu com uma oração de boa-noite e de confiança em seus lábios; uma oração de criança. Porém, como já vimos, às palavras do Salmo ele acrescentou a palavra Pai. Esta é a palavra que ele usou no Getsêmani (22.42) e, como Marcos nos revela, a palavra exata que ele usou foi Abba (Marcos 14.36). Esta é também a palavra com a qual podemos nos dirigir a Deus (Romanos 8.15; Gálatas 4.6). Ninguém aqui na terra já havia usado essa palavra referindo-se a Deus. Não significa apenas Pai. Era e é a palavra com a qual a criancinha judia se dirigia a seus pais no círculo familiar — é semelhante a paizinho. Foi com essa intimidade e confiança que Jesus orou, e é assim que nós devemos fazê-lo.

*O que revela à Igreja verificar a intensa vida de oração que Cristo teve durante seu viver? A Igreja tem buscado a Graça de Deus para dirigir e sustentar sua missão, ou tem confiado mais naquilo que ela é ou possui?*

VI. Creio podermos afirmar que o exemplo que Jesus deu em orar, foi o que despertou o desejo de outros orarem também. Foi justamente quando ele estava

orando que os discípulos lhe pediram que os ensinasse a orar (11.1). Eles haviam visto o que havia sucedido quando Jesus orava; eles haviam visto o que sucedera com João após a sua oração; e eles também desejavam orar. A verdadeira oração pode despertar força e beleza que virá mover os homens, muito mais do que qualquer sermão. Somente aquele que tem o segredo da presença pode fazer com que outros também desejem o segredo da presença.

VII. Duas coisas aconteceram com Jesus quando orava. O Espírito pousou sobre ele enquanto orava, na ocasião do batismo (3.21), e na sua Transfiguração (9.29) a visão surgiu diante de seus olhos. O Espírito descerá somente quando aprendermos aquela passividade sábia que aguarda e aceita em silêncio. No momento da Transfiguração, em sua visão Jesus viu a Moisés, o supremo doador das leis e a Elias, o supremo profeta; e esses supremos homens de Deus do passado, incitaram a Jesus que prosseguisse. Pela oração nos tornamos um com a nuvem invisível de testemunhas que nos circunda. Pela oração, a inspiração do passado nos dá força para o futuro.

VIII. Jesus orava pelos seus amigos, quando sabia que eles iriam enfrentar problemas; ele orou por Pedro quando soube que a fé que este possuía seria provada até o limite e talvez além dele (22.31,32). Se amarmos os nossos amigos, oraremos por eles, como Jesus fez pelos seus, especialmente quando sabemos que eles estão em dificuldades.

IX. E por último, Jesus contou as duas parábolas sobre a oração, a parábola do amigo importuno e a parábola do juiz iníquo (11.5-8; 18.1-8). Não há nos Evangelhos outras duas parábolas que tenham sido interpretadas e usadas tão enormemente quanto estas duas. Uma parábola é alguma coisa posta ao lado de outra, de modo que, pela comparação, o verdadeiro sentido desta possa ser elucidado. Em muitos casos a comparação é feita porque as duas se assemelham; mas nestas duas parábolas, a comparação depende do contraste e não da semelhança. Uma delas conta a respeito do chefe de família que não estava disposto a se levantar a fim de dar ao seu amigo o pão que ele necessitava, mas que, finalmente, premido pela insistência e pela persistência de seu amigo que não se envergonhava em bater à sua porta, foi forçado a se levantar. A outra parábola conta acerca de um juiz famigeradamente iníquo, que foi

compelido a fazer justiça por causa da mera persistência de uma pobre viúva, uma persistência tal que finalmente o abalou.

Muitas vezes estas parábolas são usadas para ensinar a lição da persistência na oração, como a dizer que alcançaremos o que desejamos se martelarmos a Deus por longo tempo. Porém estas duas parábolas não **comparam** Deus a um amigo relutante ou a um juiz injusto; elas o **contrastam** com tais pessoas. Elas dizem: "Se um miserável e relutante chefe de família pode finalmente ser constrangido a dar pão ao seu amigo, e se um juiz iníquo finalmente pode ser constrangido a praticar a justiça, **quanto** mais Deus, nosso pai amoroso, nos dará aquilo que precisamos. Isto é exatamente o que Lucas continua dizendo: "Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, **quanto mais** o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?" (11.9-13). Estas duas parábolas não nos dizem que as dádivas divinas devem ser extraídas após uma insistência que abale a resistência de Deus, mas sim que Deus está mais pronto a nos dar do que nós estamos prontos a lhe pedir.

#### *O que nos ensinam estas duas parábolas?*

O Evangelho de Lucas é o evangelho da oração, e é o evangelho para o missionário de Jesus, que também deve ser um homem de oração.

#### **Para um Debate em classe**

- 1 — Se as duas parábolas, a do amigo importuno e a do juiz iníquo, realmente ensinam que Deus não precisa ser constrangido a responder à oração, como deveremos encarar as reuniões de oração que são feitas durante a noite toda, e os grandes grupos de pessoas que são organizados para orarem pela mesma finalidade? Pensamos realmente que a extensão e a quantidade da oração irão levar Deus a agir de uma certa maneira? Pensamos realmente que podemos, por assim dizer, exercer certa pressão sobre Deus?
- 2 — Qual é a relação que existe entre as nossas orações e os nossos esforços?
- 3 — Quais são as coisas corretas pelas quais devemos orar, e quais são as coisas pelas quais é errado orar? Será verdade dizer que, às vezes, pela oração, tentamos utilizar a Deus?